

PÁGINAS DO SERTÃO: LEITURA E IMAGINAÇÃO NO UNIVERSO DE SERTANEJAS

Ivânia Nunes Machado Rocha (Pós-Crítica/UNEB)¹

Orientadora: Prof. Dra. Jailma Pedreira dos Santos Moreira²

Resumo: Projeto de pesquisa em andamento sobre leituras de mulheres sertanejas de Irecê-BA. Há a intenção de observar se donas-de casa sertanejas leem, o que leem e como realizam essas leituras, considerando outros possíveis modos de ler. Para tanto, a base metodológica para alcançar os objetivos será a pesquisa de campo e a revisão da literatura. Observando a realidade gráfica, na qual há a predominância de textos escritos e imagéticos, é importante perguntarmos em qual lugar donas-de-casa sertanejas encontram-se em relação a esse universo letrado, quais as contribuições deste para essas mulheres e como as mesmas acessam, apropriam-se e rasuram tais textos. Busco informar, nesse paper, o andamento do projeto de pesquisa em questão. Inicialmente, aponto os caminhos já percorridos da pesquisa em andamento e em, seguida, indico a direção que pretendo seguir na investigação: discutir as diferenças envolvendo o termo cultura; buscar aproximação entre cultura e os meus sujeitos de pesquisa (sertanejas donas-de-casa de Irecê) – para tanto, levanto os sertões na literatura, e imediatamente trago um pouco de informação sobre a cidade de Irecê, que será o lócus da investigação em curso. Há ênfase nos processos de inclusão de diferentes sujeitos no centro das discussões envolvendo cultura e dos sertões na literatura e cultura.

Palavras-chave: Cultura. Gênero. Leituras. Literaturas. Subjetividades.

INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar mulheres sertanejas, donas-de-casa de Irecê e que sejam leitoras, não aconteceu por acaso: a minha identificação com a temática vai além do fato de ser mulher, sertaneja, dona-de-casa ireceense e leitora. A minha relação com a leitura surgiu quando ainda era uma garotinha magricela e perebenta.³

Fui praticamente autodidata nos rudimentos da leitura e escrita e, após começar a ler, não parei mais: li tudo o que passou pelas minhas mãos – desde livros de história antiga, bulas de remédio, *bang bang*; enfim, literaturas de todos os tipos - e sempre fui fascinada pelo universo das letras, dos livros e das leituras. A leitura é a seiva que me alimenta, literalmente, porque ela me proporcionou casa e comida, já que sou professora de língua portuguesa.

Assim, a investigação em curso aproxima-se bastante das minhas próprias experiências, o que implica uma maior responsabilidade: a opção por realizar uma investigação em uma localidade da qual faço parte me encanta e me assusta porque, se por um lado sou também uma leitora sertaneja,

¹ Mestranda em Crítica Cultural – UNEB/BA - Campus II, e-mail: ivanianunes@hotmail.com.

² Paper sobre projeto de pesquisa homônimo, em fase inicial, tendo como orientadora a Professora Doutora Jailma Pedreira dos Santos Moreira (Uneb/BA).

³ Quando era ainda uma menininha, costumava ter muitas feridas no corpo: tanto as que surgiam espontaneamente; quanto outras tantas provocadas pelos arranhões e acidentes de percurso de uma garota levada do interior. Perebenta = cheia de feridas, de machucados.

uma dona-de-casa (as donas-de-casa serão meus sujeitos de pesquisa) e é esse um motivo óbvio de identificação com o objeto; por outro lado, é assustador ver-se revelado no outro, desnudar a alma diante do espelho, abrir-se para enfrentar, através das verdades e reflexões que emergirem dos semelhantes, meus próprios medos, os fantasmas que estão adormecidos, a poeira dos sonhos há tanto deixados em um canto escuro de minha mente... Enfim, haverá riscos, mas é preciso que haja o enfrentamento.

Há também o perigo de se falar de um objeto do qual estamos muito ligados, pelo qual nutrimos sentimentos, com o qual estabelecemos ora um caso de amor; ora uma rixa assassina, pois reconhecemos as paixões que nos movem, como a alegria de fazer parte de um povo expressivo; o orgulho de integrar um elenco de mulheres trabalhadoras; a cumplicidade no compartilhamento de leituras, de vivências, de sonhos e frustrações. Assim sendo, o fato agora é de que não será possível ser imparcial, quando pesquisador e objeto estão de tal modo imbricados, que não se sabe quando termina um e começa o outro, visto que eu também estou me colocando enquanto mulher sertaneja da cidade de Irecê/BA, que lê muito, que vem lendo por toda a vida, cujas leituras confundem-se com o meu viver. Bem, se outras pessoas que não vivenciaram o sertão puderam pesquisar e escrever as suas impressões sobre esse lugar e sobre as pessoas que nele habitam, eu também posso; e, se não vou fazer um trabalho de excelência por conta do meu envolvimento, com certeza também não será um trabalho medíocre, mal feito, justamente porque sou parte dele. Sobre isso, ressalto o pensamento de Ari Lima (2013, p. 19-20)

A Antropologia que faço, a metodologia que aplico são, portanto, posicionadas pela minha condição racial negra assim como por minha orientação sexual homossexual, quase sempre ausentes, não nomeados ou não vislumbrados, ao contrário da condição racial branca e sexual heterossexual nos estudos sobre o negro e as relações raciais. De fato, ao posicionar-me não acredito que necessariamente facilite minha inserção no campo de pesquisa, a interlocução com os informantes ou, posicionado, obrigatoriamente esteja capacitado a elevar o grau de profundidade etnográfica do meu trabalho. Por outro lado, não acredito que isto prejudique minha inserção etnográfica ou a torne mais parcial que todas aquelas que tradicionalmente têm sido realizadas nos estudos sobre o negro e as relações raciais no Brasil.

Assim, o fazer parte do objeto em estudo incorre em alguns riscos, de modo que a atenção deve ser permanente, para que o trabalho não seja prejudicado e para que os resultados sejam confiáveis.

1 ANDAMENTO DA PESQUISA

Uma vez esclarecida a situação da pesquisa, ponto importante para situar os leitores quanto ao que se pretende, com vistas ao êxito da investigação, seguiremos com a exposição sobre o sumário provisório, que representa a estrutura do trabalho (também provisória), assim dividido:

1. Para início de prosa (introdução);
2. Leituras na literatura e na cultura (primeiro capítulo);
 - 2.1. O sertão na literatura e na cultura;
 - 2.2. Rachel de Queiroz: uma caso à parte;
 - 2.3. Leitura e imaginação;
 - 2.4. Literatura: os caminhos da invenção;
3. Existe gênero na leitura/literatura? (segundo capítulo);
 - 3.1. Leituras de sertanejas de Irecê/BA;
4. (Re)construção de subjetividades de sertanejas de Irecê nas/pelas leituras (terceiro capítulo);
 - 4.1. Literatura e vida;
 - 4.2. Ao pé da letra: a mudança bate à porta;
5. Fim de papo? (Conclusões e inconclusões das discussões)

Inicialmente, faremos uma ligeira retomada do conceito de cultura, situando-a diacronicamente, observando as ocorrências de leituras consideradas literárias e culturalmente determinadas; em seguida, pretende-se fazer uma visita à cultura sertaneja propriamente dita, com suas alegrias e dores; nesse ponto, procurarei captar relações do sertão na e com a leitura literária, bem como buscarei situar a mulher sertaneja em seu lugar, tentando um estreitamento com meus sujeitos de pesquisa; mais adiante, destino um subtítulo desse primeiro capítulo ao tratamento dado à mulher sertaneja pela escritora cearense Rachel de Queiroz.

O conceito de cultura será levantado a partir das ideias e estudos de Malinowski, Boas, passando por Lévy-Strauss e chegando aos antropólogos atuais, que estão situados no âmbito dos estudos culturais, como Joan Scott e James Clifford, dentre outros. As abordagens antropológicas mais atuais questionam todas as anteriores, visto que pensadores como James Clifford, por exemplo, consideram impossível haver imparcialidade nos estudos culturais, uma vez que estes sempre estarão permeados pelas impressões e ideologias do pesquisador. Não que isto invalide a investigação ou a desmereça; antes, o comprometimento ético agrega um componente de validação às pesquisas de campo, em cujas descrições das culturas há o envolvimento do etnógrafo.

A respeito da afirmação anterior, ressalta Clifford (1986, p. 7):

Ethnographic truths are thus inherently *partial*- committed and incomplete. This point is now widely asserted – and resisted at strategic points by those who fear the collapse of clear standards of verification. But once accepted and built into ethnographic art, a rigorous sense of partiality can be a source of a representational tact. [...]

Verdades etnográficas são, portanto, inerentemente parciais, comprometidas e incompletas. Este ponto é agora amplamente afirmado e tem resistido em pontos estratégicos por parte daqueles que temem o colapso de padrões claros de verificação. Mas, uma vez aceito e incorporado pela arte etnográfica, um sentido rigoroso de parcialidade pode ser uma fonte de tato representacional. [...] (tradução minha)

Na introdução do livro *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, cujo título é *Introduction: Partial Truths* – Verdades parciais, em português (tradução nossa), Clifford enfatiza o papel da escrita no trabalho de campo do antropólogo, salientando que a descrição objetiva pode ser entremeada por trechos literários e, não raro, pelas impressões do etnógrafo, o qual não consegue desvincular o pesquisador do homem, uma vez que ambos são indissociáveis.

Seguindo a mesma perspectiva surge o movimento, no âmbito dos estudos culturais, de etnografias produzidas por um membro da comunidade pesquisada. Sobre isso, Clifford ressalta que há tanto ônus quanto bônus: por um lado, o pesquisador integrante de determinada sociedade ou grupo conhece muito bem a realidade daquela cultura; por outro lado, esse mesmo conhecimento traz riscos, que podem influenciar no resultado da pesquisa: fatores como preconceitos, panfletarismo, fanatismos e radicalismos de todas as espécies tendem a mascarar a realidade, deixando transparecer apenas as “verdades” que são convenientes ao etnógrafo ou as que ele consegue enxergar. Assim, é importante que o pesquisador fique atento ao seu objeto, de modo que se afaste de vez em quando e se pergunte até que ponto o seu envolvimento com o objeto poderá chegar, sem comprometer os resultados da investigação. Outro ponto crucial é não tentar aparentar neutralidade: é muito mais honesto e ético assumir o envolvimento e descrever os passos que levaram ao interesse em pesquisar este ou aquele objeto, em vez de outro.

Surgem as meta-etnografias, que consistem na análise antropológica da produção etnográfica. Os países, como o Brasil, que eram colônias, passam a ter seus próprios estudiosos, deixando de ser apenas analisados pelos grandes centros antropológicos. Seguindo esse caminho, há muitos estudiosos, pesquisando, escrevendo e questionando a partir de seu lugar de fala enquanto mulher; enquanto negro; enquanto homossexual. Enfim, está cada vez mais comum, no âmbito dos estudos culturais, um determinado membro de uma comunidade se debruçar sobre sua comunidade e sobre si mesmo, procurando analisar determinadas questões inquietantes e que necessitam maior atenção. E é a partir dessas inquietações que passo a lançar um olhar mais demorado sobre algumas sertanejas de Irecê, tentando captar o seu universo mediante suas leituras literárias.

Há ainda mais dois subtítulos no capítulo inicial: no primeiro – Leitura e imaginação – pretendo explorar as relações entre as leituras de sertanejas e a construção de seu imaginário, envolvendo seus sonhos e fantasias, sempre relacionando com os dados da pesquisa de campo. No segundo – Literatura: os caminhos da invenção – gostaria de adentrar no universo das leituras literárias realizadas pelas donas de casa de Irecê, participantes da pesquisa, levando em consideração seus modos de ler.

O segundo capítulo será destinado a discutir a possível relação entre leitura/literatura e gênero, se há uma escrita feminina; se existe um tipo de literatura específico para mulheres, sempre ponderando com os resultados da pesquisa. Nesse sentido, será observado o que Márcia Rios da Silva (2006, p. 90) traz sobre a leitura de mulheres, a partir da crítica feminista, citando Jonathan Culler (1997, p. 73-77, respectivamente). Ela afirma que:

Em determinado momento, a crítica feminista se encarrega de, através do postulado de uma mulher leitora, “trazer uma nova experiência de leitura e de fazer leitores – homens e mulheres – questionarem as suposições literárias e políticas nas quais sua leitura tem se baseado”. Torna-se imperativa a necessidade de se ler como uma mulher lê. “Uma mulher ler como uma mulher não significa repetir uma identidade ou experiência que é dada, mas assumir um papel que ela constrói com referência à sua identidade como mulher, que é também uma construção.

Assim, pode-se perceber que há estudiosos que estão de acordo com a perspectiva de uma leitura feminina, própria de mulheres. Estas, por sua vez, leem a partir de identidades forjadas no seio de uma sociedade machista, consumista e permeada por relações de poder, o que suscita muitas outras reflexões. Paralelamente a esse pensamento, ocorre um outro, que versa sobre a existência de uma escrita feminina, ou “feminização da escrita”, como assume Nelly Richard (2002, p. 133), esclarecendo que:

Mais do que da escrita feminina, conviria então, falar – qualquer que seja o gênero sexual do sujeito biográfico que assina o texto – de uma *feminização da escrita*: feminização que se produz a cada vez que uma poética, ou uma erótica do signo, extravasa o marco de retenção/contenção da significação masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como *dissidência da identidade*, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, assim como qualquer escrita que se faça cúmplice da ritmicidade transgressora do feminino-pulsátil, levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. Qualquer escrita, pronta para alterar as pautas da discursividade masculina/hegemônica, compartilharia o “devir minoritário” (Deleuze-Guattari) de um feminino que opera como paradigma de desterritorialização dos regimes de poder e captura da identidade, normatizada e centralizada pela cultura oficial.

Ora, se há um modo específico de as mulheres realizarem suas leituras, obviamente também existe um jeito único delas escreverem, ou de alguém escrever como elas, ou seja, a partir do ponto

de vista feminino, como demonstra Richard no exposto acima. O que já aponta para a formação diferenciada desses sujeitos, havendo vários fatores envolvidos na construção dessas subjetividades.

No terceiro capítulo – (Re)construção de subjetividades de sertanejas de Irecê nas/pelas leituras – procurarei analisar as interferências, interconexões, rasuras, releituras dos textos diversos feitas pelas mulheres leitoras com relação direta ou indireta com seus modos de vida e na construção e reconstrução de suas subjetividades. Ainda nesse capítulo, observarei como as leituras são ressignificadas nas/pelas vidas das sertanejas, evidenciadas através das linguagens analisadas durante as etapas da investigação: aplicação de questionário, entrevista semiestruturada e observações. Nesse ponto, será dada ênfase à recepção que as donas de casa fazem das textualidades que as envolvem, levando-se em consideração os imbricamentos entre ficção e realidade.

Por fim, serão feitas as considerações sobre o que foi discutido no decorrer do texto: o que valeu a pena, o que ainda será necessário um olhar mais acurado, o que deve ser evitado nesse processo, enfim, é necessário discutir tais questões que vinham permanecendo nas brumas dos estudos culturais ou quando apareciam, muitas vezes as personagens eram estereotipadas. Outrossim, os ditos estudos culturais têm promovido, nos últimos tempos, uma abertura maior para temas antes marginalizados, abrindo espaço para as minorias, tais como negros, homossexuais, sertanejos e, obviamente, mulheres.

2 OS INSTRUMENTOS

Pensando no desenvolvimento do projeto de pesquisa, foram elaborados instrumentos, de modo que estes possam dar conta das questões de pesquisa e dos objetivos que foram propostos inicialmente. Em primeiro lugar, pretendo aplicar um questionário, no qual listo uma série de questões abertas e fechadas sobre as mulheres que farão parte desse estudo: procuro saber, por exemplo, a idade, a escolaridade e em que mais as donas de casa ocupam o seu tempo. Também levanto questões sobre leituras: quais gêneros textuais as sertanejas leem? Como essas leituras são feitas? Quanto tempo é destinado para ler? De que forma elas têm acesso aos livros/textos? No tocante à literatura – quais autores fazem parte de suas leituras – homens, mulheres; obras canônicas, marginais; escritoras baianas, *best sellers*, literatura cor-de-rosa? Quantos livros são lidos por ano, em média? Quais livros/autores elas mais gostam e por que?

Dessa forma, os questionários darão conta de algumas demandas da pesquisa, tais como: o que, quanto e como as donas de casa de Irecê leem e também já será possível vislumbrar o perfil

dessas leitoras. A partir das respostas e após a análise desses dados, será realizada entrevista com aquelas que se mostrarem mais abertas e que também forem realmente leitoras profícuas. A partir daí, um roteiro foi elaborado, de forma que seja possível um aprofundamento das questões propostas inicialmente, de modo que as sertanejas possam falar sobre suas relações com as leituras; de que modo as leituras influenciaram em suas vidas e vice-versa; quais mudanças foram causadas pelas leituras etc. Como não será entrevista fechada, haverá a oportunidade de deixar que as mulheres falem mais de si, de seus sonhos, da vida que gostariam de ter tido (se esse for o caso), bem como outras perguntas poderão surgir no decorrer do processo.

Estão previstas ainda para essa semana (de 14 a 20/12/2014) o início da aplicação dos questionários, de modo que, até o final de janeiro, a pesquisa de campo já deverá ter sido concluída.

3 ESCRITA

O primeiro capítulo da dissertação já está em andamento. Para concluí-lo, pretendo utilizar parte dos artigos das disciplinas do primeiro período do mestrado, nos quais levanto discussões sobre cultura, o aparecimento ou não do sertão na literatura, dando ênfase a Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Rachel de Queiroz. Concomitante à escrita, também estão sendo realizadas leituras de autores que possam dialogar, de alguma forma, com a temática explorada por mim.

Além de autores empregados anteriormente, outros estão sendo acrescentados, de modo que o formato do trabalho já possa ser visualizado, embora esse seja apenas um esboço inicial, que certamente será revisto muitas outras vezes.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, Arivaldo de Lima (Ari Lima). O método é heterodoxo. O sujeito é posicionado. A pesquisa é possível? In: DUCCINI, Luciana; BARRETO, Luzania Rodrigues (Org.). Número temático: Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. *A Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana*. n. 1 (1997). Feira de Santana: UEFS, n. 14, 2013.
- CLIFFORD, James. Introduction: Partial Truths. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (ed.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1986.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SILVA, Márcia Rios da. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos/ EDUFBA, 2006.

